

“NANDAIA, NANDAIA, VAMOS NANDAIAR”: LÍNGUAS E COLONIZAÇÃO NO ESTADO DE MATO GROSSO¹

“NANDAIA, NANDAIA, VAMOS NANDAIAR”: LANGUAGES AND COLONIZATION IN THE STATE OF MATO GROSSO

Welliton Martins Bindandi²

Taisir Mahmudo Karim³

Recebimento do texto: 22/02/2021

Data de aceite: 21/03/2021

RESUMO: Tomando os estudos da Semântica do Acontecimento de Eduardo Guimarães (2002; 2007; 2012; 2017; 2018), articulado a História das Ideias Linguística, Eni Orlandi (2001), objetivamos analisar a significação da palavra *nandaia* em uma cantiga popular do Estado de Mato Grosso. A música trata-se de uma composição de Siriri, pertencente à cultura e ao folclore local. Para se pensar o acontecimento enunciativo da palavra *nandaia* na canção, buscamos sua historicização inicial na obra de José de Alencar, Iracema, também como um acontecimento. Nossas análises mostraram que a palavra em estudo se institui em um terreno de confrontos e imposição linguística, colocando, desse modo, não só os sentidos da palavra em questão, mas também um saber linguístico e a identificação de uma identidade mato-grossense pelo processo de significação de *nandaia*.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas. Sentidos. História. Nandaia. Mato Grosso.

ABSTRACT: Through the Semantics of the Event by Eduardo Guimarães (2002; 2007; 2012; 2017; 2018), articulating the History of Linguistic Ideas, Eni Orlandi (2001), we aim to analyze the signification of the word *nandaia* in a popular song in the state of Mato Grosso. The music is a composition of Siriri, belonging to the local culture and folklore. In order to think about the enunciative event of the word *nandaia* in the song, we sought its initial historicization in the work of José de Alencar, Iracema, also as an event. Our analyzes showed that the word under study is instituted in a field of confrontations and linguistic imposition, thus placing not only the meaning of the word in question, but also linguistic knowledge and the identification of an identity in Mato Grosso by the process of signification of *nandaia*.

KEYWORDS: Languages. Senses. History. Nandaia. Mato Grosso.

1 Trabalho de qualificação em área teórica diferente, sob a orientação do Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim. Nossos agradecimentos à banca, Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva e Profa. Dra. Rosimar Oliveira, pelas preciosas contribuições ao desenvolvimento da pesquisa.

2 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística – UNEMAT. E-mail: welliton.m.bindandi@gmail.com

3 Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística – UNEMAT. E-mail: taisir@unemat.br

Introdução

Este trabalho tem o objetivo de analisar o dizer *nandaia* em seu modo de significação enquanto um acontecimento enunciativo na música “Nandaia”. Trata-se de uma cantiga popular, cantada e dançada no estado de Mato Grosso. A canção é uma composição musical de Siriri, que se tornou hino para o folclore mato-grossense. Desse modo, para alcançar tal objetivo, ancoramo-nos, teoricamente, nos pressupostos teóricos e analíticos da Semântica do Acontecimento de Eduardo Guimarães (2018).

Ao compreender a relação de significação da palavra em seu acontecimento enunciativo, podemos ter acesso a um conhecimento linguístico. Para tanto, nesta pesquisa, faz-se necessário, também, a articulação com a História das Ideias Linguística (HIL).

Os trabalhos em História das Ideias Linguísticas, no Brasil apresentam-nos elementos para compreendermos o discurso documental, pois, pela área, “[...] estuda-se a constituição de um saber metalinguístico no Brasil desde a Época Colonial, levando-se em conta o papel de obras, autores, teorias, acontecimentos, arquivos, instituições, na produção desse saber” (NUNES, 2008, p. 82). Desse modo, na relação com a significação da palavra *nandaia* pelo acontecimento, na cantiga cultural mato-grossense, observamos um saber linguístico que institui um processo de significação, que não se limita à literalidade da palavra, mas diz de um processo linguístico marcado pelo que se implantou e instituiu enquanto língua nacional (ou brasileira), pelo processo de nacionalização.

Pensar no processo de significação da palavra *nandaia* em um espaço de enunciação é evidenciar o sentido que constitui o dito nesse espaço enunciativo, e, assim, compreender todo o processo político de sua constituição, pois a palavra significa no acontecimento, isto é, na enunciação, e a língua é afetada por esse lugar. Ou seja, “trata-se de considerar *o que se diz*, [...] algo que se caracteriza por ter ocorrido e ocorrido porque alguém disse (falou, escreveu, etc). Posta dessa maneira, a significação é produzida pela *enunciação*, por alguém, de algum material de linguagem específico” (GUIMARÃES, 2018, p.14).

Com Guimarães (2018), compreendemos o enunciado, logo, *nandaia*, a palavra ao ser enunciada no acontecimento do dizer, coloca em funcionamento condições de significação. Conforme Guimarães,

do ponto de vista enunciativo, o *enunciado* é a unidade de linguagem que representa, no seu funcionamento, uma consistência interna, aliada a uma interdependência relativa. Estas características são consideradas em relação ao todo de que o enunciado faz parte num acontecimento de enunciação. Ou seja, a unidade de análise é uma unidade de linguagem encontrada (que está presente) em acontecimentos específicos. (2018, p.15).

Consideramos o espaço de enunciação como espaço de *relações de línguas e falantes*, um lugar político entre os falantes, em um acontecimento enunciativo, pois “a enunciação é o acontecimento de funcionamento da língua no espaço de enunciação” (GUIMARÃES, 2018p. 23). Esse conceito é extremamente importante para pensarmos nosso objeto de estudo, o funcionamento da palavra *nandaia* no Estado de Mato Grosso.

Por meio de nossa análise, entendemos o funcionamento dessa palavra, *nandaia*, no enunciado, que não faz parte do léxico do português, mas que se insere na *língua brasileira* como uma palavra que se originou do Tupi, língua indígena, *jandaia*. Desse modo, a palavra em questão não é uma palavra do português, e nem uma palavra indígena, mas o que se constitui em uma relação entre as línguas nesse espaço enunciativo, o de colonização.

Nessa relação, da constituição da língua nacional, ou da língua brasileira, muito discutida em trabalhos inscritos na História das Ideias Linguísticas no Brasil, podemos entender esse processo de constituição da palavra *nandaia* pelo processo de colonização e gramatização da língua portuguesa no território brasileiro – sendo um espaço de enunciação e um espaço político. Portanto, colocar em análise a palavra *nandaia*, é compreender a relação entre o discurso documental (o arquivo), a canção, e, assim, a partir de um saber linguístico das línguas, nesse espaço, ver o modo de significação da palavra pelo acontecimento enunciativo da canção.

A análise documental nos coloca em relação à história, não em uma perspectiva cronológica, mas em um ponto de constituição que atravessa toda e qualquer documentação linguística, uma vez que não há sujeito sem história. Dessa maneira, “[...] uma obra passa a ser um “documento” na medida em que ela é historicizada, ou seja, na medida em que ela se torna objeto de um saber documental” (NUNES, 2008, p. 82).

Diante do exposto, podemos afirmar que ler a documentação linguística pela semântica do acontecimento, segundo um conhecimento articulado à História das Ideias Linguísticas, pode – a partir de um saber sobre a língua e sua história – tornar visível o processo de significação da palavra *nandaia* pelo que se coloca em funcionamento no acontecimento enunciativo.

***Jandaia X Nandaia* – uma palavra do Tupi – uma herança da Língua Geral Paulista em Mato Grosso**

Com a proposta da História das Ideias Linguísticas no Brasil, iniciada com Eni Orlandi (2001), pode-se ver a constituição da *ideia linguística*, isto é, um saber da/sobre a língua no país. A ideia linguística é o objeto de estudo da HIL, que, a partir de arquivos e documentos, nos permite ter acesso a um processo de historicização da língua em um determinado espaço e lugar. Assim, ao investigar o enunciado com o funcionamento da palavra *nandaia*, objeto de estudo desse trabalho, percebemos seu desdobramento e sua historicização desde o período colonial.

Com a colonização, a Língua Portuguesa passou a conviver com as línguas indígenas. O português, segundo Guimarães (2007), não era de uso geral no Brasil, nesse período, início da colonização, o Tupi normatizado era a língua franca, a língua de contato, falada por índios, negros e portugueses. Somente em meados do século XVIII que a Língua portuguesa é imposta e passa a funcionar como língua de uso geral. Nesse momento o português é normatizado como língua oficial da colônia portuguesa, principalmente quando Marquês de Pombal expulsa os jesuítas e oficializa o ensino da língua do colonizador no Brasil (GUIMARAES, 2007).

Ao se tratar do termo *língua geral* no Brasil, referimo-nos ao processo linguístico e étnico instaurado no período colonial pelo “complexo catequético-colonizador” (BORGES, 2001), que nos direciona a três acepções:

- a) em sentido genérico, diz respeito às línguas surgidas na América do Sul, em consequência dos contatos entre agentes das frentes de colonização e os grupos indígenas;

b) especificamente, designa as línguas, de base indígena, desenvolvidas e instituídas em São Paulo e Amazônia, e faladas por uma população supraétnica; c) refere-se também à gramatização dessas línguas ditas gerais. (BORGES, 2001, p. 211)

Em relação às línguas gerais, assim como mostra a aceção (b), segundo Borges (2001), tínhamos a Língua Geral Paulista e a Língua Geral Amazônica. Essa última teve sua origem na colonização portuguesa das regiões do Maranhão e do Pará na primeira metade do século XVII, regiões predominantemente povoadas pelos índios Tupinambá (FILHO, 2017). Em outra parte, a Língua Geral Paulista, que surge da fala dos índios Tupi, principalmente em São Vicente e no alto Tietê, língua de comunicação dos mamelucos de São Paulo no século XVII. Diante desses dados, chamamos a atenção para a língua Paulista, que, especificamente, formada na costa sudoeste do Brasil, adentra ao território brasileiro com os bandeirantes, pois “com as bandeiras, marcadas de forte presença mameluca, disseminou-se pelos espaços interiores de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Paraná” (FILHO, 2017, p. 60), levando, assim, a Língua Geral Paulista, de origem Tupi, a grande parte do território conquistado.

Mais tarde, com a independência do Brasil, a língua portuguesa torna-se a língua nacional, que, desde então, vem ganhando novos contrastes por estar em outras condições de enunciação. Aqui, no Brasil, a língua portuguesa se institui em um espaço de confronto de línguas e sujeitos, em que umas se articulam com outras, ganhando novas formas, novos modos de significação nesse espaço.

Sabemos que o encontro do Português com as outras línguas, no território nacional, não se deu de forma neutra, mas numa sobreposição da língua portuguesa sobre as outras, encobrindo, apagando e mudando *saberes linguísticos*. Nessa relação, nem as línguas que eram faladas pelos índios e nem a língua imposta pelo colonizador, o português, mantem-se neutra: as várias línguas se marcam nesse acontecimento, determinando modos de significação das palavras. Para Guimarães (2012, p. 14), “há uma mudança significativa nesse espaço. Este espaço de línguas vai se organizar assim pela presença do português, das línguas indígenas e da língua geral, que terá forte presença no Brasil durante aproximadamente dois séculos”.

Assim, uma palavra de origem Tupi, no caso, jandaia/nandaia, em contato com a língua do colonizador, nesse espaço de enunciação, ganha formas específicas na *designação* – que, de acordo com Guimarães (2018), caracteriza-se pela relação da linguagem com o existente. É por essa relação que o que existe toma sentido; assim, é possível falar do existente, inclusive referir-se a ele. Podemos dizer que a designação é a relação da língua (estrutura) com a linguagem (objeto) e o acontecimento enunciativo, isto é, o funcionamento da palavra, sua significação, em seu lugar de enunciação.

Desse modo, notamos o aparecimento da palavra *Jandaia* na obra “Iracema” de José de Alencar, referindo-se a uma ave, que na obra se apresenta como amiga de Iracema, personagem principal do romance. Essa palavra (jandaia) entra em cena logo nas primeiras linhas do romance: “Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba” (ALENCAR, 1865, p. 3), introduz o narrador.

A *jandaia*, assim como na obra de José de Alencar, trata-se de um pássaro nativo do Brasil. É uma ave símbolo do Nordeste, principalmente do Ceará, que, segundo a antiga tradição literária da região, “Ceará”, na língua indígena, significa canto da jandaia, ou lugar onde canta a jandaia.

Segundo o Portal-IG (c2000),

A Jandaia Verdeira faz parte da família dos Psittacidae. Seu nome científico é *Aratinga jandaya*, que significa “periquito barulhento”. Seu habitat costuma ser vegetação da caatinga, savanas com árvores, clareiras e extremidades de florestas tropicais. A ave aprecia bastante as plantações de coco verde. É encontrado em todo o território brasileiro, mas principalmente no Nordeste, desde o norte de Goiás, passando pelo Piauí até o Maranhão, Ceará, Pernambuco e Alagoas.

Se formos analisar o processo de significação do vocábulo *jandaia* na obra de José de Alencar, podemos compreender a significação dessa palavra, pois refere-se a uma ave que ganha esse nome pelo que significa ao povo indígena. No romance, a ave Jandaia é também designada com outro nome, *Ará* – provavelmente, trata-se de um nome que se refere à jandaia, mas *ará* é constantemente designado como *jandaia* pelo que a ave significava.

Para compreender os sentidos atribuídos a jandaia, vamos a um trecho da obra:

Na cabana silenciosa, medita o velho pajé.

Iracema está apoiada no tronco rudo, que serve de esteio. Os grandes olhos negros, fitos nos recortes da floresta e rastos de pranto, parece estão naqueles olhares longos e trêmulos enfiando e desfiando os aljôfares das lágrimas, que rorejam as faces.

A ará, pousada no jirau fronteiro, alonga para sua formosa senhora os verdes tristes olhos. Desde que o guerreiro branco pisou a terra dos tabajaras, Iracema a esqueceu.

Os róseos lábios da virgem não se abriram mais para que ela colhesse entre eles a polpa da fruta ou a papa do milho verde; nem a doce mão a afagara uma só vez, alisando a penugem dourada da cabeça.

Se repetia o mavioso nome da senhora, o sorriso de Iracema já não se voltava para ela, nem o ouvido parecia escutar a voz da companheira e amiga, que dantes tão suave era ao seu coração.

Triste dela! **A gente tupi a chamava jandaia, porque sempre alegre estrugia os campos com seu canto fremente. Mas agora, triste e muda, desdenhada de sua senhora, não parecia mais a linda jandaia, e sim o feio urutau que somente sabe gemer.** (ALENCAR, 1865 p. 21)

Nesse trecho do romance, podemos perceber a fiel relação que tinha a Ará – a ave, mas que por sua alegria e entusiasmos é referida pelo povo Tupi de Jandaia – com Iracema. A ave, a Ará, a Jandaia (assim como é referida na obra) seria uma personagem que sempre fazia com que a índia lembrasse suas origens, que, no momento, parecia confusa pelo seu contato com o colonizador, o português Martim.

Podemos compreender jandaia como um nome que atribui características a Ará, uma ave brasileira. Desse modo, nesse acontecimento anunciativo, jandaia trata de um nome que significa pelas características da ave, assim, jandaia para o povo Tupi significava *estrujar alegremente*, “A gente tupi a chamava jandaia, porque sempre alegre estrugia os campos com seu canto fremente” (ALENCAR, p.21).

Segundo o Dicio⁴, dicionário online de português, a palavra estrugir (verbo) é o mesmo que “Atroar, vibrar fortemente, estrondear, produzir som agudo”, portanto, jandaia significa pelas características atribuída a ave ará: uma ave que se caracteriza pelo seu som estrondeante. Ainda com o Dicio, a palavra estrondear, verbo intransitivo, refere-se a um estrondo, grande e prolongado ruído; soar com força; ações típicas feitas pela ave em questão. Portanto, pelo que se enuncia no romance de Alencar, a palavra jandaia pertence às classes de adjetivos, pois o modo como *jandaia* nomeia a ave, pela cena enunciativa, coloca a significação da palavra, por esse acontecimento, o ato de nomear a ave com uma palavra do Tupi. Essa nomeação se dá pelo processo metonímico, visto que o nome jandaia significa um certo tipo de comportamento produzido pela ave, ou seja, o vocábulo significa nessa língua essa relação entre a ave e o comportamento da ave.

Hoje, em Mato Grosso, cantamos e dançamos a tradicional cantiga com a palavra *nandaia*. Logo observamos que essa palavra, em seu funcionamento enunciativo, se trata de uma derivação da palavra jandaia, que a partir de práticas sociais em um novo espaço de enunciação vai constituindo na história de enunciação essa derivação (jandaia – nandaia).

No caso em questão, a palavra nandaia, foneticamente falando, troca a letra “J” inicial pela letra “N” na canção mato-grossense. Esse acontecimento pode ter ocorrido pela fonética de algumas palavras com a letra “J” das línguas indígenas, que, em alguns casos, ganham o som de “já”, tanto que encontramos a palavra *jandaia* também grafado com “NH”, *nhandaia*. Isso se dá pela aproximação fônica de “já” e “nhá”, que, pelo acontecimento dessa palavra em um determinado espaço enunciativo, em contato com outras línguas, como no estado Mato Grosso, pela característica sonora, marca-se com “nã”, nandaia. Assim temos a passagem de *Jandaia*, *Nhandaia*, até *Nandaia*, como grafada e pronunciada na cantiga mato-grossense.

Em relação a sua significação, também vemos que pelo acontecimento enunciativo, não se muda apenas a fonética ou o modo de grafar, há também um modo de significação da palavra nandaia na cantiga em Mato Grosso.

Pela palavra nandaia, no acontecimento da canção, no espaço de

4 DICIO, Dicionário Online de Português.

enunciação (a relação de falantes de língua portuguesa, os europeus, e línguas indígenas, nativos), vemos funcionar um saber linguístico, uma *ideia* sobre a língua. Portanto, há nesse espaço um modo de significação da palavra que marca os falantes e as línguas nesse acontecimento, determinando, desse modo, um saber linguístico e uma identidade para os sujeitos.

Nandaia: seu lugar de enunciação em Mato Grosso

Tomamos, então, a canção “Nandaia”, objeto de nossa pesquisa, em que está arquivada na sua composição a palavra *nandaia*, cantada e dançada no estado Mato Grosso, a partir da tradição do Cururu e Siriri, que, segundo Kalil (2008), trata-se de

[...] manifestações folclóricas típicas da região pantaneira [que] poderiam ter sido extintas se não fosse a dedicação de gerações em passar para frente os versos, passos e sequências que fazem parte da cultura popular de Mato Grosso. Tradições seculares de origem indígena, mais populares nas zonas rurais e ribeirinhas, o cururu e o siriri não foram registrados em livros, nem em museus. Eles foram passados de geração para geração, de pai para filho, e devem sua sobrevivência à tradição oral.

Portanto, através dessa cantiga podemos observar os vários processos de constituição da língua nesse espaço, pois, por meio de um saber linguístico materializado no documento, vemos o modo como o sujeito/falante é agenciado pela língua, dado a um espaço de enunciação que se dá a cena enunciativa, isto é, a especificação local desse espaço. Portanto, a cena se constitui no lugar em que ocorre a “assunção da palavra”, dados pelos “modos específicos de acesso à palavra dadas às relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (GUIMARÃES, 2017, p. 31). Desse modo, os lugares enunciativos se colocam como,

configurações específicas do agenciamento enunciativo para “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”. Na cena enunciativa “aquele que fala” ou “aquele para quem se fala” não são pessoas mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não por pessoas donas de seu dizer. (GUIMARÃES, 2017, p. 31)

Logo mais, Guimaraes (2018, p. 53) complementa que a “cena enunciativa é produzida pelo agenciamento político da enunciação. Em outras palavras, o falante é agenciado politicamente e assim constitui a cena enunciativa: o acontecimento da enunciação produz sentidos ao constituí-la”. Portanto, a palavra em estudo se significa pelo modo como o sujeito enunciador é agenciado a dizer nesse espaço enunciativo, marcado por uma temporalidade.

Diante dessa questão, em relação a posição da enunciação como um acontecimento histórico, Guimarães (2002, p. 61) afirma que “o histórico diz respeito somente à temporalidade, ou seja, a cada momento tem-se outro acontecimento”. Desse modo, a enunciação, trata-se de

[...] um acontecimento de linguagem perpassado pelo *interdiscurso*, que se dá como espaço de *memória* no acontecimento. É um acontecimento que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso. É, portanto, quando o indivíduo se encontra interpelado como sujeito e se vê como identidade que a língua se põe em funcionamento (GUIMARÃES, 2002, p. 70)

Nessa direção, o espaço de anunciação em um lugar de embates e confronto de línguas: de um lado a língua do colonizador, o português; do outro, a língua do colonizado, língua indígena. É nesse espaço que o enunciador é agenciado pela língua e sua temporalidade na cena enunciativa, determinando significação das palavras no enunciado.

O sujeito não fala no presente, no tempo, embora o locutor o represente assim, pois só é sujeito enquanto afetado pelo interdiscurso, memória de sentidos, estruturada pelo acontecimento, que faz a língua funcionar. Falar é estar nesta memória, portanto não é estar no tempo (dimensão empírica). (GUIMARÃES, 2017, p. 20).

Observarmos, então, esse processo funcionamento da palavra *nandaia* em seu acontecimento enunciativo na canção⁵:

5 Letra da canção disponível em <<https://www.letras.mus.br/palavra-cantada/1543932/>> Acesso em 26/09/2020.

Nandaia, nandaia
Vamos todos **nandaiá**
Seu padre vigário
Venha me ensinar a dançar
Põe essa perna
Se não servir essa
Põe essa outra
Passa por cima da moça
Rodeia, rodeia, rodeia
Fica de joelhos
Põe a mão na cintura
Pra fazer mesura
Palma, palma, palma
Pé, pé, pé

A palavra *nandaia*, de origem indígena, designa uma ave e é o mesmo que “jandaia”⁶, (uma relação sinonímica), contudo, no acontecimento da cantiga, os sentidos atribuídos à palavra faz referência a um tipo de dança. Ao mesmo tempo, podemos aproximar o sentido indígena de *nandaia/jandaia* à dança, pois a dança, tal como a ave, faz acrobacias sincrônicas enquanto canta, como se a dança se assemelhasse a um “periquito barulhento”. Portanto, assim como foi evidenciado anteriormente, a palavra designa uma característica, mas não como no romance de José de Alencar, aqui, trata-se de uma característica de uma ação, não mais de um adjetivo que atribui qualidade a uma ave. Desse modo, podemos dizer que a palavra *nandaia* significa uma dança que se marca pela euforia, pela sincronia dos passos como se a dança reproduzisse, pela repetição, aquilo que a assemelha ao comportamento de uma ave, a *nandaia/jandaia*. Nessa direção temos a aproximação de *nandaia* referindo-se a ave, um objeto no mundo, logo, também, pelo que *jandaia* significa na língua indígena, um adjetivo (palavra que caracteriza coisas).

Podemos observar também que a palavra *nandaia* sofre influência da língua portuguesa nesse acontecimento enunciativo, pois a palavra estabelece no enunciado a mesma função sintática de um verbo na língua portuguesa, pois *nandaia* sofre uma flexão – *nandaiar* – que a marca como um verbo da primeira conjugação, terminação em ar, segundo a gramática normativa do Português.

⁶ A *jandaia* é uma ave que se encontra distribuída pelo território brasileiro, é da família dos Psittacidae, seu nome científico é *Aratinga jandaya*, que significa “periquito barulhento”. Disponível em <<http://casadospassaros.net/jandaia-verdadeira/>> Acesso em 26/09/2020.

Portanto, pelo acontecimento linguístico, a palavra *nandaia* na cantiga significa como um ato, uma ação específica, a de *nandaiar*, que, pela sua significação, o mesmo que estrugir, atroar, vibrar, estrondear.

A frase na cantiga “Vamos todos *nandaia*” apresenta a queda do “r” final do verbo, um traço comum à linguagem oral em Mato Grosso e grande parte dos falantes brasileiros, uma vez que a omissão do “r” final é comum, assim como vemos nos exemplos: o verbo *dançar* que é usado como *dançá*; o falar como *falá*, o vender como *vendê*, o curtir como *curti*, e etc.

Essa ocorrência da função morfossintática, na palavra *nandaia* (*nandaiar*), mostra-nos modos de significação e de constituição de línguas e de falantes nesse espaço de enunciação, pois “[...] o siriri reflete a miscigenação entre negros, índios, portugueses e espanhóis que ocuparam a região no decorrer da história” (HANSEN, et al., 2005). Desse modo, o vocábulo em análise mostra o modo de constituição do sujeito mato-grossense ao se marcar nesse acontecimento linguístico, pelo que significa. Logo, esse funcionamento marca e significa um modo de ser e estar nesse lugar de enunciação e, assim, estabelece fronteira com os demais espaços de enunciação.

Observamos, nessa direção, o saber linguístico que se institui pelo acontecimento enunciativo da palavra *nandaia* na cantiga. Vemos que há, pelo processo de gramatização do português, nesse espaço de confronto e vivência de línguas, um modo específico da língua se instituir e marcar nesse espaço pela enunciação. Assim, o funcionamento enunciativo da palavra *nandaia* na cantiga determina o sujeito, sua língua, seu modo de enunciar e significar nesse espaço. Pelo acontecimento, compreende-se a significação no processo de gramatização compreendido pela História das Ideias Linguística. Ou seja, não se trata de uma análise puramente morfossintática, mas de pensar o funcionamento da palavra em seu acontecimento enunciativo, e, conseqüentemente, sua significação.

Portanto, pelo espaço de enunciação, vemos que, em uma “relação de línguas, uma língua, ao fornecer à outra, (ou receber dela) uma forma qualquer, significa nesta relação seu modo de estabelecer seu sistema de regularidade linguística” (GUIMARÃES, 2012, p. 16). O autor (*ibidem*) afirma que essas palavras que se inscrevem umas nas outras, se dão pela relação dos falantes no espaço de enunciação. Assim, temos a entrada dessa palavra de origem Tupi (língua geral) no

português, portanto, “a morfologia da palavra significa diretamente essa relação (tupi > português)” (ibidem, 2012, p. 16).

Guimarães (2012), em sua análise, considera que “as palavras entraram no português num período em que o português não era dominante no espaço de enunciação”, e sem muito aprofundar, diz que “o Tupi produziu uma forte entrada de elementos no português no início da colonização, ou seja, num momento em que o português não funcionava, nas relações de língua, como língua “dominante”” (ibidem, p. 19). No nosso caso em específico, em relação à palavra *nandaia*, vemos um funcionamento inverso, pois temos a palavra de origem Tupi, uma língua que não é dominante nesse espaço de enunciação, entrando em contato com a língua portuguesa, língua dominante. Assim, vemos a significação desse vocábulo, que se dá na relação dessas duas línguas, alterando a morfologia de significação da palavra, e nessa relação estabelece um sistema de regularidade linguística, regularidade esta que viemos, desde então, mostrando.

Algumas considerações

A partir de nossa pesquisa, podemos dizer que olhar para o acontecimento enunciativo da palavra *nandaia* na cantiga mato-grossense, é o olhar para a constituição da língua nesse espaço de enunciação, pelo que se institui enquanto um saber da/sobre a língua nacional, brasileira, ou melhor, mato-grossense. Assim, fala de um saber linguístico e da identidade dos sujeitos que enunciam nesse espaço. Portanto, a articulação com a História das Ideias Linguística, possibilitou compreender esse espaço, e, conseqüentemente, pensar naquilo que significa pelo acontecimento.

Vimos que o processo de significação da palavra *nandaia*, desde seu funcionamento no romance de José de Alencar (*Jandaia*), mostra que o acontecimento enunciativo, marca sua relação de significação; assim temos *jandaia* funcionando como um adjetivo ao caracterizar uma ave; até *nandaia* ao designar uma ação (verbo), um ato de dança, marcada na letra do cação mato-grossense.

Essa análise leva-nos a perceber o modo como a língua significa no seu acontecimento e pela história de enunciação, pois ao mesmo tempo em

que retoma, ou recupera a significação do vocábulo (assim visto no romance de José de Alencar), faz funcionar, pelo acontecimento enunciativo e pela história de enunciação, uma significação que rompe com os sentidos estabilizados/estabelecidos (assim como visto na cantiga). Portanto, por meio da Semântica do Acontecimento, pudemos pensar na história de enunciação da palavra *nandaia* pelo acontecimento enunciativo na canção.

Desse modo, nosso posicionamento teórico, levou-nos a pensar a significação da palavra *nandaia* no acontecimento da canção mato-grossense, e, assim, a partir da relação entre língua, história e falante – este último constituído enquanto sujeito ao ser agenciado pela língua no seu funcionamento – mostrou-nos uma saber⁷ linguístico nesse espaço, que, conseqüentemente, determina sentidos e identidade para os sujeitos falantes.

Ao dizer da significação da palavra no seu acontecimento, dizemos do modo de significação do sujeito nesse espaço, pois, ao falar da temporalidade no acontecimento enunciativo, Guimarães (2017, p. 16) afirma que “algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem”. Para o autor, “o que caracteriza a diferença é que o acontecimento não é um fato no tempo”, isto é, não se trata de “um fato novo enquanto distinto de qualquer outro ocorrido antes no tempo. O que o caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza. Ele não está no presente de um antes e um depois no tempo” (ibidem, p. 16). Guimaraes (2017, p. 16) diz que “o acontecimento instala sua própria temporalidade: essa é a sua diferença”.

Diante dessa questão, “a história enunciativa do nome [*nandaia*] é construída pela própria transversalidade e descontinuidade do real da língua e da história” (KARIM; ALVARES, 2018, p. 170). Nessa direção, “a temporalidade específica, que opera no acontecimento do dizer, movimenta sentidos que desloca os já institucionalizados, esse movimento abre espaço para novos sentidos significarem no acontecimento” (ibidem, p. 170). Por isso *jandaia/nandaia* tem seu modo específico de significar no acontecimento do romance de José de Alencar e na canção de Mato Grosso, pois há um deslocamento na significação pelos acontecimentos em sua forma de dizer, determinando a língua e os sujeitos pelos acontecimentos enunciativos.

7 Referimos ao saber linguístico, articulado pela História das Ideias Linguísticas.

Referências

ALENCAR, José. Iracema. *In Ministério da cultura / Fundação Biblioteca Nacional / Departamento Nacional do Livro*. (pdf) Rio de Janeiro, 1865.

BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral** - volume I. Campinas: Pontes, 2005.

BORGES, Luiz C.; A instituição de línguas gerais no brasil. *In ORLANDI, Eni P. (Org.); História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e a construção da língua nacional*. Pontes: Campinas-SP; Cáceres-MT: Unemat editora, 2001.

ESTRUGIR. *In: DICIO*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/estrugir/>. Acesso em: 29/09/2019.

ESTRONDEAR. *In: DICIO*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/estrondear/>. Acesso em: 29/09/2019.

FILHO, D. P.; **Muitas línguas, uma língua**: a trajetória do português brasileiro. José Olympio: Rio de Janeiro, 2017.

GUIA DE BICHOS. **Portal-IG**. Canal do pet. c2000. Disponível em <https://canaldopet.ig.com.br/guia-bichos/passaros/jandaia/57a24d16c144e671ccdd91b6.html>>. Acesso em 18/11/19.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica**: enunciação e sentido. Campinas: Pontes Editores, 2018.

_____. Breve reflexão sobre o espaço de enunciação relações de línguas na colonização portuguesa do Brasil. *In ZATTAR, Neuza; DIRENZO, Ana Maria (Orgs.). Estudos da linguagem: língua, sujeito e história*. Pontes: São Paulo, 2012.

_____. Política de Línguas na Linguística Brasileira - Da abertura dos cursos de Letras ao Estruturalismo. *In ORLANDI, Eni P. (org.) Política Linguística no Brasil*. Pontes: São Paulo, 2007.

_____. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 2017.

_____. **Os Limites do Sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem.** ed. 2ª. Campinas, SP: Pontes, 2002.

HANSEN, C.; AMORIM, D. A.; GRACIA, G.; SENRA, J. F.; ARAÚJO, L. F. Siriri. In: GRANDO, B. (Org.). **Cultura e dança em Mato Grosso:** Catira, Curussé, Folia de Reis, Siriri, Cururu, São Gonçalo, Rasqueado e Dança Cabocla na Região de Cáceres. Cuiabá: Unemat Editora, 2005.

KALIL, Luna. Cururu e siriri: o resgate de duas tradições que colore Mato Grosso. In **UOL Viagem**. 2008. Disponível em <<http://viagem.uol.com.br/ultnot/2008/09/04/ult4466u393.jhtm>> Acesso em 26/09/2019.

KARIM, T. M; ALVARES, Lucas. De incivilizados a descivilizados: um percurso do nome vândalos. In Eni P. Orlandi; Débora Massman; Andrea Silva Domingues. (Org.). **Linguagem, instituições e práticas sociais.** Pouso Alegre: Univás; Campinas: Editora. Univás, 2018. (p. 157-171).

_____. ALVARES; DALLA PRIA. **O frisson da bailarina: o funcionamento semânticoenunciativo do nome baderna.** Revista Traços de linguagem, Cáceres, MT, V.03 N. 02: 2019.

NUNES, José Horta. **O discurso documental na história das idéias lingüísticas e o caso dos dicionários.** Revista Alfa, São Paulo, 52 (1): 81-100, 2008.

ORLANDI, E. (Org.). **História das Ideias Linguísticas: Construção do Saber Metalingüístico e Constituição da Língua Nacional.** Campinas/Cáceres: Pontes/Unemat, 2001.

O conteúdo deste texto é de inteira responsabilidade de seus autores.